



ALGUMAS ABORDAGENS TEÓRICAS PARA A LEITURA DO DISCURSO POLÊMICO DOS MOVIMENTOS SOCIAIS EM JUNHO DE 2013, PORTO ALEGRE-RS, BRASIL

Simone Dorneles Severo (UNIRITTER)¹
dorneles@ufrgs.br

Cristiano da Silveira Pereira (UFRGS)²
cristiano.pereira@feliz.ifrs.edu.br

RESUMO: Este artigo apresenta uma análise parcial da linguagem empregada na rede social *Facebook* pelos membros dos movimentos sociais ocorridos em junho de 2013 em Porto Alegre-RS, Brasil. Pelas teorias de leitura e letramento, observou-se a ocorrência de um processo sociocognitivo de estranhamento e ruptura para a sua compreensão, com a necessidade do maior emprego da estratégia ascendente (*bottom-up*) pelo leitor. Através da teoria Sociolinguística Variacionista de William Labov (2008, edição original em 1972) constata-se que se tratou de uma comunidade linguística, dado ao seu léxico e outras variações nos níveis morfológicos e sintáticos. Pela Análise do Discurso, conclui-se que se caracterizou um Discurso Polêmico preponderantemente ao Discurso Violento. Este artigo é introdutório, necessitando de uma pesquisa mais aprofundada. O texto original, por motivos éticos, não foi apresentado na íntegra.

PALAVRAS-CHAVE: Linguagem. Movimentos sociais 2013. Porto Alegre-RS. Leitura. Letramento. Sociolinguística Variacionista. William Labov. Discurso Polêmico.

ABSTRACT: This paper presents a partial analysis of the language used in social network Facebook by members of social movements in June 2013 in Porto Alegre -RS, Brazil. Theories of reading and literacy, there was the occurrence of a social cognitive process of estrangement and disruption to their understanding, with the need for greater use of bottom-up approach by the reader. Through the Sociolinguistics Variationist Theory of William Labov (2008, original edition in 1972) it was found that this was a linguistic community, given his lexicon and other changes in morphological and syntactic levels. By Discourse Analysis, it is concluded that featured a predominantly controversial speech to speech violent. This article is introductory, requiring further research. The original text, for ethical reasons was not full presented here.

KEYWORDS: Language. Social movements 2013. Porto Alegre-RS. Reading. Literacy. Sociolinguistics variationist. William Labov. Controversial speech.

¹ Mestranda PPG Letras da UNIRITTER na linha de pesquisa Linguagem, Discurso e Sociedade. E-mail: dorneles@ufrgs.br.

² Doutorando PPG Letras UFRGS na linha de pesquisa de Gramática e Significação. E-mail: cristiano.pereira@feliz.ifrs.edu.br.



INTRODUÇÃO

Esse artigo apresenta possíveis abordagens teóricas para a leitura da linguagem escrita empregada pelos membros dos movimentos sociais ocorridos em junho de 2013 em Porto Alegre-RS, Brasil na rede social *Facebook*. Através de excertos textuais e de uma seleção lexical dessa linguagem, tenta-se traçar um perfil da linguagem escrita empregada pelos novos grupos sociais marginalizados, ou não, naquele momento sociopolítico. O estudo foi realizado pelos conceitos de leitura e letramento, pela Sociolinguística Variacionista de William Labov e pela caracterização da diferença entre os discursos polêmico e o violento. A fonte textual original, por motivos éticos, não é apensada a este trabalho.

2 ABORDAGENS TEÓRICAS PARA A LEITURA DA LINGUAGEM EMPREGADA PELOS MEMBROS DOS MOVIMENTOS SOCIAIS DE JUNHO DE 2013

É importante notar que a posição do falante diante de um discurso se fundamenta a partir da presença do outro. É na realização do EU-TU, conforme cita Benveniste (2008, p. 253) que se nota a sucessão de trocas de interlocução, ou seja, há nessa relação um EU que enuncia, se apropria do discurso, e um TU ao qual o “eu” se dirige. Diante, portanto, desses discursos dos membros dos movimentos sociais, é fácil notar a presença de ambos os pronomes pessoais que tornarão factíveis os discursos empregados.

Ademais, segundo Cavallo e Chartier,

A história da leitura foi durante muito tempo partilhada por dois tipos de abordagens: as que desejavam deslocar ou ultrapassar a história literária tradicional e as que se baseavam numa história social dos usos do escrito. A estética da recepção à moda alemã, a *reader-response theory* à moda americana (...) foram todas tentativas para excluir a leitura da obra, para compreendê-la como uma interpretação do texto não inteiramente comandada pelas disposições



linguísticas e discursivas (CAVALLO, G.; CHARTIER, R., 1998, p. 36).

Cavallo e Chartier (1998, p.37) continuam a declarar que a liberdade do leitor está sempre inserida no “interior de dependências múltiplas”, mas que ele “está em condições de ignorar, deslocar ou subverter os dispositivos destinados a reduzi-la”. Como dispositivos para redução da leitura estão os que instituem a lei e o direito, as censuras e as autocensuras, a lei de direitos autorais bem como as estratégias editoriais. Para Foucambert (1994, p.106), em leitura comunitária, “não há qualquer acontecimento que possa ser compreendido isoladamente da realidade social, considerada em sua extensão e duração.” Além disso, o autor assevera:

É sempre delicado apresentar uma abordagem sintética, pois o leitor deve confrontar sua visão pessoal com fatos escolhidos pelo autor geralmente por outros motivos. Dessa confrontação nascerá no leitor uma nova coerência, que não será necessariamente aquela desejada pelo autor (FOUCAMBERT, 1994, p. 106)

Emprega-se especialmente a estratégia ascendente (*bottom-up*) de leitura para o processamento da linguagem em estudo neste artigo. Consoante Siqueira e Zimmer,

supõe-se que o leitor use mais as pistas lexicais e sintáticas presentes no texto para ir construindo, pouco a pouco, o significado do texto (Jonhston, 1983). Nota-se que o uso dessa estratégia geralmente ocorre quando o leitor dispõe de pouco conhecimento prévio sobre o que o texto trata, ou quando o texto é mais complexo, ou ainda, quando o leitor tem pouca experiência com o código escrito (ZIMMER, 2001, s.p. *apud* SIQUEIRA E ZIMMER, 2006, p. 35).

Sobre os falantes da linguagem deste trabalho, Nunes (2014, p.137) define os movimentos como protestos pós-materialistas e descreve seus membros como cidadãos de uma nova classe média que, ineditamente, por possuírem melhores condições econômicas, se preocupam com questões ecológicas, de gênero, de saúde e são oriundos do setor público de trabalho:

Nestes participam também quer indivíduos pertencentes à antiga classe média, por exemplo, artesãos e agricultores ameaçados pelo avanço técnico-científico, quer dos chamados grupos



“desmercantilizados”, onde estão representados indivíduos com uma integração precária no mundo laboral ou inteiramente excluídos do mercado de trabalho (NUNES, 2014, p.137).

Outros pesquisadores da área de Leitura e Letramento não se atem à variação de linguagem, todavia fazem menção a essa ocorrência. Tfouni et al.(2014, p.31) se referem a “discursos altamente letrados”.

Hamesse (1998, p. 132) alude à “mudança de perspectiva, outra mentalidade, passa-se a uma leitura de natureza diferente”. Outros autores (SILVA, 2001, p.124) mencionam a linguagem de campo pragmático, aquela língua como instrumento cultural-social, de comunicação e interação entre indivíduos e povos (é o que a “terceira onda” da Sociolinguística denomina “comunidade de prática”).

Assim, após “decodificar” o léxico empregado, o leitor nota uma trajetória dialógica, uma narratividade entre o grupo e a sociedade, a qual reflete a história daquele movimento que perdurou e alcançou repercussões internacionais (ver os exemplos que são apresentados neste artigo). Cabe salientar que o processo de decodificação do léxico leva em conta que o autor de seu discurso tem um sentido atrelado em seu pensamento, por meio do qual busca acionar os elementos lexicais e morfossintáticos com o intuito de transmitir uma mensagem, numa relação de *sentido-texto* (PEREIRA, 2011, p. 26). É num movimento síntese que se enuncia o discurso, buscando no elemento lexical aquilo que se pretende enunciar. Cabe ao linguista buscar, por meio da análise dos níveis de linguagem (lexical, morfológico, sintático, semântico e pragmático), decodificar o discurso. E não somente o especialista age assim: o ouvinte também participa desse processo de decodificação.

Depreende-se, portanto, do processamento da leitura da linguagem em estudo, o significado de sua criação de sentidos para a concretização de um movimento social.

3 A LINGUAGEM DOS MEMBROS DOS MOVIMENTOS SOCIAIS EM 2013 PELA TEORIA DA SOCIOLINGUÍSTICA VARIACIONISTA DE WILLIAM



LABOV E PELA ANÁLISE DO DISCURSO (DISCURSO POLÊMICO OU VIOLENTO?)

a) Teoria Sociolinguística Variacionista

A Teoria Sociolinguística (LABOV, 1972, p. 144) considera “as relações entre estrutura linguística e os aspectos sociais e culturais da produção linguística”. Para essa teoria, “a língua é uma instituição social e, portanto, não pode ser estudada como uma estrutura autônoma, independente do contexto situacional, da cultura e da história das pessoas que a utilizam como meio de comunicação”. Labov (1972, p.144) estabelece três tipos de variação linguística: a regional, a de registro e a social. A linguagem empregada pelos participantes dos Movimentos Sociais de 2013 se encaixa no tipo da variação social, corroborando a hipótese de que essa se configura como uma comunidade linguística de cunho político, suprapartidária, mesmo que entre seus integrantes tenha havido pessoas não-partidárias.

b) Análise do Discurso – Diferença entre o Discurso Polêmico e o Discurso Violento

As movimentações sociais em 2013 trouxeram à tona uma linguagem “transgressora” (a Linguística – Teoria da Análise do Discurso – prefere, atualmente, se referir a essa por “discurso polêmico”). Baseando-se nas concepções de Amossy (*apud* CUNHA, 2013, p. 242) para o estabelecimento das diferenças de linguagem com grande incidência nas redes sociais, a linguagem polêmica prepondera em relação ao discurso violento, como mostraremos a seguir.

Consoante Amossy e Burger (*apud* CUNHA, 2013, p. 242), a agressividade pode se exprimir de forma controlada quando as situações de interação e gênero exigem, uma vez que é o conflito e não a violência que caracteriza os enunciados polêmicos.

O discurso polêmico é caracterizado por ter uma dupla estratégia: demonstrar a tese e refutar a tese adversa em um contradiscurso antagonista (AMOSSY, 2011 *apud*

CUNHA, 2013, p. 242). Por meio de uma série de procedimentos retóricos e argumentativos (*Op.cit.*), a relação com o outro é baseada numa tentativa de desqualificação: um enunciador ataca um alvo para desqualificar o adversário e o discurso dele.

Por isso, radicalizam o debate, tornando difícil, às vezes impossível, resolvê-lo, já que a forma de polarização em duas posições que se afirmam de modo dicotômico, cada uma exclui a outra (*ibidem*). Nessas condições, diz Amossy (*ibidem*), há uma forte presença do dialogismo marcado, através do qual o discurso polêmico tenta se apropriar da palavra do outro para melhor atacá-la. Os enunciadores incluem um proponente, um oponente (funções que podem ser ocupadas por diferentes atores) e um terceiro destinatário face ao qual e para o qual ocorre o confronto de discursos (*ibidem*). Há aqui uma forte evidência da troca de discursos entre EU-TU, cada um tentando valorizar o seu enunciado e descaracterizar o do outro.

Excerto 1:

“Representante dos manifestantes que ocupam a Câmara pede a palavra durante audiência em que o grupo aceitou deixar o prédio até a manhã de quinta-feira.”

Excerto 2:

“Como assim? Meu representante? Jura né meoooo”

Excerto 3:

“Parabéns, vocês venceram. Não serei mais chamado de vandalo (sic), vocês levaram bombas na cara, gás no nariz e viram os partidos políticos tentando se promover e mesmo assim aceitam calados esse massacre, bom vi muita patricinha tirando foto pro (sic) facebook, eles aumentam a massa? Sim, mas diminuem a luta, chega não me manifesto mais ao lado de idiotas, ex: negros que cantam com orgulho o hino de quem lhes escravizou. Adeus”

Excerto 4:

“Enquanto um político for mais valorizado que um professor, haverá guerra”.



Excerto 5:

“A Dilma no velório do Mandela disse: "nós brasileiros, que trazemos o sangue africano em nossas veias

....não seria em nossas mãos????”

Excerto 6:

“Mudaram as moscas mas a merda continua a mesma.”

Para Auger *et al* (2008, *apud* CUNHA 2013, p. 242), a linguagem de violência verbal é desencadeada por três tipos de conflitos: interpessoais, estruturais e culturais. Segundo essas autoras, o conflito interpessoal se baseia num questionamento do outro, numa reprovação do que ele é (OTT, 1997, *in* AUGER *et al*, 2008 *apud* CUNHA, 2013, p. 242); o estrutural ocorre quando há transgressão de normas sociais que mantêm a ordem estabelecida; e o cultural quando há o conflito de valores, quando os locutores se encontram em divergência ou oposição de representações, ideias morais ligadas aos grupos sociais ou éticos. No caso aqui em estudo, a violência verbal é estrutural, já que o movimento social de junho de 2013 foi originalmente suprapartidário e criticou os sistemas socioeconômico e político. Outro valor é que o discurso nunca foi direcionado a uma pessoa em especial, mas, sim, para o sistema sociopolítico vigente de então. Também se conclui que, assim como o movimento teve sua própria história, culminando em atos ditos violentos pela mídia da época, também a sua linguagem reflete essa história de desencadeamento numa ruptura dialógica com o leitor. Encontrase no diálogo no *Facebook* a seguinte notação escrita com “sentido vazio”, a qual reflete esse momento:

Excerto 7:

----- . (notação escrita na rede social *Facebook*).



4 DESCRIÇÃO DO LÉXICO EMPREGADO PELOS MEMBROS DOS MOVIMENTOS SOCIAIS DE JUNHO DE 2013 EM PORTO ALEGRE-RS, BRASIL

Para Maciel (2006, s.p.), entender como se configura o estatuto terminológico de uma unidade lexical na comunicação de determinada temática é a primeira etapa no processo de descrição de uma linguagem especializada.

O léxico da linguagem em estudo contém termos semanticamente carregados de conteúdo ideológico, o qual resgata termos políticos de décadas da Ditadura Militar no Brasil, como “coxinha” (gíria paulista se referindo aos conservadores; aos “engravatados”, “todos certinhos”, que após o seu trabalho na av. Paulista-SP se reúnem para comer coxinha de frango nos bares) que voltou a ter uso na linguagem oral após aqueles movimentos sociais. Há também signos característicos da contracultura, os quais têm como fonte a linguagem de grupos sociais marginalizados e discriminados, como, por exemplo:

Meu -----

@#\$\$%

Nessas notações escritas, sem significado aparente, se nota o denominado “conteúdo vazio” (sem significante); inversamente, contêm um significante para o discurso dessa comunidade linguística, visto que são carregadas de traços da ideologia desse grupo social. É no grupo social em que estão inseridos os integrantes que se esclarece a significação lexical desses signos, os quais denotam em suas enunciações situações claramente de contrariedade com o momento político e com os discursos dos outros na rede social. Muitos desses signos podem representar palavrões, ofensas na língua, todos direcionados àquele que lê e se insere nesses movimentos sociais divergentes.

Os lemas lançados por esse movimento são inovadores em nível local, críticos a tabus sociais (“lugar de mulher é na luta”) e seu vocabulário não segue chavões,



entretanto contém pejorativos (“vão se fudê”) que estão a serviço de sua crítica ideológica aos sistemas sociopolítico e econômico vigentes no Brasil, e não para críticas a uma pessoa em especial. Alguns neologismos empregados possuem significados diferentes no Dicionário Informal da Língua Portuguesa (website, s.d.) e, na sua leitura contextual, causaram deslizamentos na compreensão, como, por exemplo, “*sheik*” e “*dalemorangudo*”, cujos significados serão explicados a seguir.

Sua linguagem contém estrangeirismos já comumente inseridos em nossa cultura midiática como os do Inglês (*blackblocs*, *sheik*). Ademais, através da união de prefixos e radicais em vocábulos diferentes, formam neologismos que buscam abarcar a sua crítica a diferentes aspectos do sistema sociopolítico (“neofascismo”, “neofeminismo”). Nota-se, portanto, que a o elemento lexical ganha conotações na língua em uso, durante a troca de discursos de agentes desse, com o intuito de descaracterizar o discurso do outro.

5 GLOSSÁRIO (ANARQUISSÁRIO) DA LINGUAGEM EMPREGADA PELOS MEMBROS DOS MOVIMENTOS SOCIAIS DE JUNHO DE 2013 EM PORTO ALEGRE-RS, BRASIL

As definições deste glossário são dos autores, do Dicionário Informal da Língua Portuguesa (website) e do Dicio (Dicionário Online da Língua Portuguesa), também disponível na Internet.

Antiautoritarismo: movimento que visa à liberdade, à repulsa e ao combate a qualquer tipo de hierarquia imposta, defendendo uma organização social baseada na igualdade e no valor supremo da liberdade.

Canalhagem: neologismo formado pelo substantivo *canalha* + sufixo *agem*. Ato característico do comportamento de quem é canalha, que não tem bom caráter. Reunião de pessoas desonradas e desprezíveis. (Etimologia do Italiano: *canaglia*). Aqui

nota-se bem a noção de conjunto de pessoas que agem de forma desprezível, antagônica.

Comunativo: não encontrada a definição. Neologismo da terminologia social, conforme mencionou o Dicionário Informal (website, s.d.).

Conjuntura: (com + junctura). Encontro de acontecimentos; concorrência; situação embaraçosa, ocasião; oportunidade; ensejo.

Coxinha: Apelido dado aos trabalhadores, especialmente aos bancários da avenida Paulista-SP que, após o expediente, comiam coxinhas nos bares daquela avenida considerada o centro econômico do país por ser sede dos bancos mais importantes do Brasil. Era assim que se definia a palavra em 1971, nos anos da Ditadura Militar no Brasil: 1 Propenso ao trabalho e ao estudo. 2 Ativo, laborioso, diligente, dedicado, competente. 3 Cidadão brasileiro que não está envolvido em atos de corrupção e que não recebe benefícios do governo de forma ilícita ou sem real necessidade. 4 Aquele que não se faz de vítima da sociedade. 5 Pessoa que não inveja o que foi obtido através do esforço e do trabalho honesto.

Dale morangudo: Interjeição informal seguida da alcunha “morangudo” — com perfil em rede social virtual. Possível menção à Carlos “Marighella” (1911-1969), político baiano do Partido Comunista Brasileiro que lutou contra a Ditadura no Brasil.

Facistas hipócritas: pessoa que age de maneira ditatorial e autoritária. Que pertence ao fascismo, regime político autoritário e ditatorial e que é hipócrita, fingida.

Flodar: originado do Inglês “flood” (encher ou inundar). Ato irritante de postar virtualmente mensagens sem sentido ou finalidade nenhuma, de modo que uma ou mais pessoas sejam prejudicadas. Pessoa que vai postando sem parar, enchendo a sua página com diversos *posts* irrelevantes e que ninguém gostaria de ler. “Essa pessoa floda sua linha do tempo”.

Hamburger (sic) – hambúrguer: palavra originada do adjetivo gentílico de Hamburgo, na Alemanha; *burgo*, de lugar protegido, refúgio, e *ham*, de presunto,



carne. Infere-se do contexto que seja um nome para indicar a “pessoa oprimida por todos os lados”.

Internacionalista: adepto do Internacionalismo, que defende que a classe trabalhadora é somente uma no mundo inteiro e que as divisões em países (brigas entre os burgueses que operam o Estado) não devem ser defendidas pelo povo

Mané: corruptela de Manuel (Emanuel, Manoel do Português). Pessoa comum, do povo.

Massa: o que ou quem tem valor, energia e força. Relacionado ao conceito de massa atômica.

Neofascismo: regime político nacionalista autoritário. Termo originário do italiano *fascio*, aliança ou federação.

Neofeminismo: uma das acepções de pós-feminista, feminismo liberal, feminismo da diferença, feminismo da dominação.

Neoliberal: doutrina econômica desenvolvida a partir de 1970 e muito difundida nos anos de 1980 que defende a absoluta liberdade de mercado com o mínimo de intervenção estatal.

Sheik: linguagem informal que significa “cara que fica com mais de uma garota ao mesmo tempo, tipo garanhão”. Geralmente possui muita grana e é famoso. Jogador de futebol que dá “selinho” nos amigos, é “mauricinho” e *playboy*.

Vandalismo: o nome deriva de vândalo, um dos povos bárbaros que invadiu e atacou o Império Romano. A partir da Idade Média designou a destruição do patrimônio cultural (monumentos, pinturas, livros), símbolos de opressão ao povo. Atualmente se aplica à destruição dos patrimônios público e privado.



CONCLUSÃO

A pequena pesquisa realizada conclui que, ao processar a leitura da linguagem empregada pelos membros dos movimentos sociais ocorridos no ano de 2013, em Porto Alegre, RS, Brasil, na rede social *Facebook*, é provocado um estranhamento, uma limitação, necessitando que o leitor empregue uma estratégia de leitura cognitivista do tipo ascendente, dependente de conhecimento prévio e esquemas, visto que seu léxico compõe-se de vocábulos da área da Sociologia, da História, das Ciências Políticas e que, por isso, exige um letramento para sua compreensão.

Consoante à Sociolinguística Variacionista de William Labov (original de 1972 e edição de 2008), é adequada a hipótese de uma formação de uma comunidade linguística, visto que essa linguagem contém um léxico de uso raro, restrito socialmente a um determinado grupo político. Também foram observadas mudanças nos níveis sonoros e sintáticos, mas que não foram apresentadas neste trabalho.

Através da Teoria da Análise do Discurso, constatou-se que seu discurso é polêmico, embora impregnado pelo discurso considerado violento (violência verbal), o que é considerado normal pela Linguística, visto que esses dois tipos de discurso coambulam, especialmente nas redes sociais.

Ademais, comprovou-se que essa linguagem tem um alto caráter dialógico, em que o seu discurso reflete os acontecimentos sociais em que foi sujeita e passiva ao mesmo tempo. Este artigo é introdutório, carecendo de pesquisa de âmbito maior, mormente o que diz respeito à Socioterminologia.

REFERÊNCIAS

BENVENISTE, E. **Problemas de Linguística Geral I**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1976.



CAVALLO, Guglielmo; CHARTIER, Roger (Org.). Introdução. IN: **História da Leitura no Mundo Ocidental**, vol. I. São Paulo: Ática, 1998. (Coleção Múltiplas Escritas)

PEREIRA, C.S. **Estruturas com verbo-suporte em textos de blogues produzidos em português brasileiro: uma análise na perspectiva sentido-texto**. Porto Alegre: UFRGS, 2011. [Dissertação de Mestrado].

CUNHA, Dóris de Arruda C. da. Violência verbal nos comentários de leitores publicados em sites de notícias. **Calidoscópico**, São Leopoldo, v.11, n.3, p. 241-249, set-dez. 2013.

Dicionário Informal da Língua Portuguesa. [S.I.] Disponível em:<<http://www.dicionarioinformal.com.br>>. Acesso em: 5 jul. 2015.

Dicio (Dicionário Online de Português) [S.I.] Disponível em:<<http://www.dicio.com.br>>. Acesso em: 10 jul. 2015.

FOUCAMBERT, Jean. **A leitura em questão**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

HAMESSE, Jacqueline. O modelo Escolástico da Leitura. IN: CAVALLO, Guglielmo; CHARTIER, Roger. **História da Leitura no Mundo Ocidental**, vol. I. São Paulo: Ática, 1998.

LABOV, William. **Sociolinguistic Patterns**. Pennsylvania: University of Pennsylvania Press, 1972.

LABOV, William. **Padrões Sociolinguísticos**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MACIEL, Anna M. B. **Especificidade da terminologia de uma área humana e social**. Projeto de Pesquisa Termisul do Instituto de Letras da UFRGS. Porto Alegre: UFRGS, 2006. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/termisul/biblioteca/artigos/artigos.php>>. Acesso em: 15 jul.2015.

NUNES, Cristina. O conceito de movimento social em debate: dos anos 60 até a atualidade. **Sociologia, Problemas e Práticas**, n. 75, 2014, p. 131-147. Disponível em:<<http://sociologiapp.iscte.pt/>>. Acesso em: 15 jul. 2015.

SCHONS, Carme Regina. **Saberes anarquistas: reiteraões, heterogeneidade e rupturas**. 1999. 240 f. Dissertação (Mestrado em Letras) -Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1999.

SCHONS, Carme Regina. **Adoráveis revolucionários: produção e circulação de práticas político-discursivas no Brasil da Primeira República**.2006. 283 f. Tese (Doutorado em Letras) - Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006.

SILVA, Jorge da; SILVA, Vera Lúcia T. da. Introdução ao pragmatismo linguístico. **Solettras**, São Gonçalo (RJ), ano I, n.1, p. 124-138, jan./jun. 2001.

SIQUEIRA, Maity; ZIMMER, Marcia Cristina. Aspectos linguísticos e cognitivos da leitura. **Revista de Letras**, v.1/2, n. 28, p. 33-38, jan/dez. 2006.



Web - Revista SOCIODIALETO

Núcleo de Pesquisa e Estudos Sociolinguísticos, Dialetológicos e Discursivos - NUPESDD
Laboratório Sociolinguístico de Línguas Não-Indo-europeias e Multilinguismo - LALIMU

ISSN: 2178-1486 • Volume 7 • Número 19 • Julho 2016

TFOUNI, Leda Verdiani; MONTE-SERRAT, D.M.; MARTHA, Diana Junkes Bueno. A abordagem histórica do letramento: ecos da memória na atualidade. **Scripta** (PUCMG), v. 17, n. 32, p. 23-48, 2013.

ZIMMER, Márcia Cristina. A interdependência entre a recodificação e a decodificação na aprendizagem da leitura: uma abordagem conexionista. **Letras de Hoje**. Porto Alegre, v. 36, n. 3, p. 409-415, set. 2001.

Recebido Para Publicação em 30 de junho de 2016.

Aprovado Para Publicação em 30 de março de 2016.